

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA JUVENTUDE: UM ESTUDO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO

GENDER DIFFERENCES IN YOUTH: A STUDY BASED ON EXPERIENCES FROM CAMPO MOURÃO HIGH SCHOOL STUDENTS

*Lucimar da Luz**

*Cristina Satiê de Oliveira Pátaro***

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo identificar e analisar de que modo as diferenças de gênero se manifestam nas experiências, expectativas, escolhas e metas protagonizadas pelos jovens na contemporaneidade. Parte-se do pressuposto de que as diferenças de gênero exercem grandes influências nos processos de educação e socialização, e, conseqüentemente, na constituição dos sujeitos, conduzindo os/as jovens a diferentes vivências, preocupações, escolhas e projetos de futuro¹.

As inquietações que movem a presente pesquisa são provenientes de investigações que vêm sendo desenvolvidas pela professora orientadora nos últimos anos. A partir de depoimentos coletados junto a jovens estudantes de Ensino Médio e do Ensino Superior, os dados vêm sugerindo uma forte influência das diferenças de gênero nas experiências, nas relações, nas escolhas, expectativas e projetos de jovens em diferentes condições sociais. Tais indícios devem, portanto, ser melhor investigados, no intuito de compreendermos de modo mais aprofundado de que forma as diferenças de gênero influenciam as vivências dos sujeitos jovens.

Esta investigação, portanto, vincula-se a pesquisa mais ampla², a qual visa compreender a organização do pensamento de sujeitos jovens quanto a suas vivências e projetos de vida, dando especial ênfase à função psíquica dos sentimentos e emoções no raciocínio. Inserida neste contexto, o trabalho que aqui relatamos está em andamento, e tem como objetivo identificar as possíveis influências exercidas pelas diferenças de gênero nos relatos de jovens estudantes de Ensino Médio. A intenção é, portanto, investigar as possibilidades e/ou restrições que se impõem em função do gênero, e que se fazem presentes nas vivências e projetos da juventude.

Apontamentos teóricos

Entendemos que, nos processos de educação e socialização, as diferenças de gênero acabam por conduzir os sujeitos a valores, crenças e visões de mundo que perpetuam papéis, escolhas, possibilidades e limitações, estabelecendo muitas vezes relações de desigualdade entre homens e mulheres (ARANTES, 2008; STACH-HAERTEL, 2009). Do ponto de vista biológico, as diferenças de gênero se manifestam de forma evidente. O que se constata, no entanto, é que tais diferenças, inicialmente biológicas, acabam se transformando em desigualdades e discriminação, disseminadas historicamente pela sociedade e pela cultura. A este respeito, as considerações de Sastre et al (1999) nos auxiliam ao apontar que:

A força do costume faz com que se aceite com naturalidade que os textos escolares situem os homens e os meninos em um status social superior ao das mulheres e das meninas; faz com que os meninos sejam representados realizando realidades socialmente valorizadas enquanto se relegam às meninas atividades consideradas de segunda ordem. Também a força do costume faz com que os rapazes sejam estimulados a se identificar com modelos de comportamento agressivo que dificultam sua entrada no mundo das relações interpessoais e dos vínculos afetivos; isso acaba condenando-os a resolver os problemas por caminhos violentos. Existe, portanto, uma importante discriminação por razões de gênero. (SASTRE et al., 1999, p. 19).

Ao abordar a questão do androcentrismo na construção das representações de meninos e meninas, Moreno (1999) coloca em questão a não neutralidade da Ciência, afirmando que:

A discriminação da mulher, as características negativas que lhe têm sido atribuídas têm-se apoiado freqüentemente em concepções científicas [...], profundamente influenciadas por preconceitos ideológicos, dos quais a ciência atual não está isenta. É preciso contemplá-la, pois, com espírito crítico e transmitir este mesmo espírito aos jovens. (MORENO, 1999, p. 22).

De acordo com a autora, durante milênios, as idéias do que hoje tomamos como conhecimento científico foram sendo influenciadas pelo

pensamento androcêntrico, que prega a superioridade masculina. Este fato pode levar ao pensamento de que não existem outras maneiras de conceber a realidade e, mais especificamente, as relações de gênero.

A formação de meninos e meninas é, segundo Moreno, impregnada deste paradigma androcêntrico, e através das ideias por ela veiculadas cristaliza e naturaliza as diferenças de gênero em comportamentos, papéis e estereótipos. Para a autora, o ensino no contexto escolar apresenta influências na formação da identidade de meninas e meninos. Muito embora todos tenham acesso às mesmas explicações e realizem as mesmas tarefas, os ensinamentos acabam sendo diferentes, interferindo em seus comportamentos e nas representações dos papéis de gênero que vão sendo construídas pela sociedade no decorrer da história. Através desta formação, passada a ambos os sexos, o machismo torna-se paradigma não apenas de meninos, mas também de meninas que, educadas sob esta perspectiva, não são levadas a questioná-la e acabam por se sujeitarem às injustiças, aceitando e defendendo estas ideias e até mesmo transmitindo-as. Diante deste quadro, uma das medidas a serem urgentemente tomadas, de acordo com a autora, é transformar a educação e a forma como são passados aos jovens as representações de gênero.

Acreditamos que estes estereótipos de gênero e as ideias androcêntricas estão presentes em nossa forma de encarar o mundo e a realidade, de maneira até mais presente do que talvez gostaríamos e menos consciente do que esperamos.

Na literatura específica concernente à juventude, diversos dados nos sugerem que as diferenças de gênero interferem na vida dos jovens brasileiros.

Segundo Fukuda, Brasil e Alves (2009), há diferenças históricas, socialmente constituídas pela humanidade nas suas vivências culturais, que conduzem a diferentes comportamentos e atitudes de homens e mulheres. Buscando apontar os fatores de risco e proteção relacionados ao gênero e que incidem sobre a juventude, as autoras apontam a existência de diferentes ciências e perspectivas epistemológicas que vêm a se ocupar dessa temática, o que evidencia a amplitude das influências que as diferenças de gênero exercem nos processos de socialização dos jovens.

Fukuda, Brasil e Alves argumentam que, além da diferenciação do sexo, são muitos os registros que enfatizam a desvalorização da mulher no que tange a vários aspectos sociais e econômicos, sendo alguns deles: o benefício público, o acesso a cargo políticos, a violência doméstica, a inserção no mercado de trabalho e outros.

Com relação ao gênero masculino, poucos são os estudos que mostram os problemas sociais enfrentados, embora os homens sejam mais vulneráveis aos riscos sociais, como: abusos de substâncias químicas, assassinatos, homicídios, etc.

Deste modo, para as autoras, ser do gênero feminino ou masculino pode consistir em fator de risco ou um indicador de proteção referente ao contexto juvenil. Com relação aos riscos, apresentam que, com base nos dados da literatura, a violência sexual atinge principalmente as meninas, que correspondem a 60% das notificações. No entanto, alertam para o fato de que a violência sexual atinge também o sexo masculino, embora sejam menos denunciadas, devido a alguns fatores como a culpa e a vergonha. A gravidez também é apontada como outro fator de risco para as meninas, interferindo na vida escolar e na inserção das mesmas no mercado de trabalho.

Referente a fatores de proteção, as autoras mencionam que as meninas apresentam maior rendimento escolar e maior conquistas na amizade escolar, enquanto os meninos apresentam piores resultados escolares, como indisciplina, não obediência a regras, dentre outros.

Em levantamento sobre a situação dos jovens no Brasil, Sposito (2003) enfatiza alguns fatores que interferem na vida dos jovens, sendo eles de ordem econômica, social e política. Questões como a desigualdade social, a má distribuição da renda per capita e a discriminação racial interferem fortemente no processo de escolarização da população jovem, muitas vezes fortalecendo ainda mais a exclusão social.

Alguns dos dados apresentados pela autora referem-se às influências do gênero na situação dos jovens brasileiros, dentre as quais podemos destacar: a gravidez precoce, o sucesso escolar – no qual as jovens do sexo feminino levam vantagem sobre os jovens do sexo masculino –, e o âmbito do trabalho, que reflete a existência de uma discriminação quanto ao gênero, visto que, em 2001, 17,4% das mulheres de 24 anos encontravam-se desempregadas, contra 9,3% dos homens. Além disso, há também a diferença salarial entre homens e mulheres, sendo que as mulheres possuem salários inferiores aos homens. Sposito aponta ainda que as mulheres tendem a assumir responsabilidades domésticas, ficando assim mais ausentes no mercado do trabalho.

Os dados apresentados anteriormente demonstram, a partir de diferentes pesquisas, as influências que as diferenças de gênero podem exercer na vida dos sujeitos, em especial dos jovens. Tais discussões justificam a relevância de nossa temática, alertando para a importância de maior compreensão de tais influências na vida dos jovens, bem como da forma como

são significadas pelos sujeitos.

A pesquisa em desenvolvimento

A presente investigação propõe a análise de dados provenientes de entrevistas realizadas junto a 30 jovens de 15 a 17 anos, estudantes de Ensino Médio do município de Campo Mourão (PR). Tais entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2010, por ocasião da pesquisa mais ampla à qual este projeto se vincula, conforme exposto anteriormente.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas com cada um dos jovens participantes. Na primeira etapa, o instrumento apresentava questões referentes a identidade, interesses, atividades cotidianas, visão de mundo ideal, elementos e preocupações mais importantes e perspectiva de futuro dos jovens, bem como os sentimentos e emoções vivenciados pelos sujeitos em face às diferentes temáticas abordadas. A segunda etapa, realizada após um período de aproximadamente 45 dias, teve como objetivo retomar as colocações dos sujeitos, possibilitando a confirmação, reflexão e aprofundamento dos relatos iniciais.

Para a análise dos dados coletados, buscaremos identificar, nos relatos dos jovens, os episódios (momentos, espaços, relações e reflexões) que reflitam as influências das diferenças de gênero nas experiências, sentimentos, escolhas e projetos dos jovens participantes.

Em um segundo momento, a partir dos episódios selecionados, serão apontadas categorias de análise que nos permitam compreender as possibilidades e/ou restrições que as diferenças de gênero estabelecem nas vivências dos jovens.

Cabe ressaltar que, na metodologia do estudo, a análise dos relatos buscará “[...] algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou ou de alguma forma conheceu” (QUEIROZ, 1988, p. 21). Os elementos, significados, implicações e/ou relações presentes nos relatos analisados, que subsidiarão as categorias de análise identificadas, emergirão, portanto, da leitura e releitura dos próprios dados analisados (MORENO et al, 1999).

O trabalho está em fase inicial, devendo ser desenvolvido até Julho de 2011. Até o presente momento, os dados foram parcialmente transcritos, de modo que já se iniciaram as primeiras análises das entrevistas referentes à primeira etapa.

Embora não tenhamos aqui a intenção de desenvolver uma análise aprofundada, apresentamos, a seguir, alguns relatos que, até o momento, nos

parecem significativos em face aos objetivos da presente pesquisa.

O primeiro relato evidencia o tipo de relação que a jovem Anelise³, 16 anos, estabelece com sua família, em especial com seu padrasto. Para ela, a família é um dos elementos mais importantes em sua vida, à medida que seus familiares a apóiam e influenciam de modo positivo em suas escolhas e aspirações. A jovem, no entanto, reconhece algumas dificuldades enfrentadas nesta relação, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

[Você vê obstáculos na sua relação com sua família?] Existem muitos obstáculos. Porque eu tenho padrasto, não tenho pai, e ele pega um pouco mais no meu pé por eu não ser filha legítima. Então ele coloca obstáculos entre nós dois. Isso me incomoda muito. Eu acho que todo mundo tem que ter direitos. Como ele acha que os meninos têm direito, ele tem que saber que as meninas também têm. Se a gente tiver que quebrar a cara, a gente vai, de qualquer jeito.

[E como você se sente diante disso?] Eu me sinto fraca. Não tenho forças para reagir ao que ele faz. Eu já enfrentei muita coisa com ele... Eu me sinto fraca...

O depoimento acima evidencia a percepção da participante quanto à discriminação que sofre por ser do sexo feminino. Este aspecto, ao que nos parece, dimensiona de modo significativo a relação que a jovem estabelece com seu padrasto.

No caso de Jéssica, 15 anos, a questão de gênero se faz presente ao comentar sobre seus projetos de futuro. Vejamos:

[Quais são seus planos para os próximos 5 anos?] Acho que até lá estarei estudando. Mas filho eu não quero ter por enquanto não. Até eu conseguir algum objetivo na vida eu não quero ter filho. Porque quando eu tiver um filho, eu vou dar do bom e do melhor pra ele. Pra isso eu vou ter que ter um serviço bom, que ganha bem. Porque ter um filho pra não poder dar do bom e do melhor pra ele, eu não vou querer.

[Você tem um projeto de vida?] Eu penso principalmente em ser formada em alguma coisa. Pra eu ter como sustentar o meu filho, ter uma condição de vida boa, que cada pessoa deveria ter.

[Você acha que esse projeto vai mudar?] Eu acho que pode mudar. Principalmente se vier um filho, daí muda todo o projeto. Mas acho que por enquanto é isso.

Para a jovem, a presença ou não de um filho nos anos que se seguem parece ser fator determinante para a concretização de suas aspirações. Embora deixe explícito seu desejo de ter um filho apenas quando for formada e tiver um bom emprego, acaba por reconhecer que seu projeto pode ser alterado, caso venha a ser mãe.

Os relatos aqui apresentados consistem apenas dos primeiros indícios obtidos em nossa investigação, e necessitam de maior análise e aprofundamento. A partir da totalidade dos dados a serem analisados, entendemos que a pesquisa poderá contribuir com os estudos acerca das influências exercidas pelas diferenças de gênero na juventude. Em quais esferas da vida destes jovens estas diferenças se manifestam? Como a questão de gênero é tratada e significada nos diferentes momentos, espaços, relações e reflexões presentes nos relatos destes sujeitos? Em que medida as experiências, sentimentos, expectativas, escolhas e metas protagonizadas pelos jovens expressam desigualdades nas relações de gênero? Estas são algumas das questões que aparecem como pano de fundo de nossa investigação e que, acreditamos, poderão contribuir para uma maior compreensão da juventude brasileira, e possibilitar uma reflexão acerca dos processos educativos voltados para as novas gerações.

Notas

* Acadêmica do 3º ano do curso de Pedagogia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), lukaluz24@hotmail.com.

** Professora Orientadora, lotada no Departamento de Pedagogia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), crispataro@gmail.com.

¹ Projeto vinculado ao Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (PIC/NUPEM/FECILCAM), contando com bolsa de estudo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Referimo-nos aqui à pesquisa de Doutorado, em andamento, intitulada "Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo a partir da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento", desenvolvida pela Profa. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP).

³ Os nomes são fictícios.

Referências

ARANTES, Valéria. Resolução de conflitos e violência de gênero: trabalhando as desigualdades na escola. In: **Anais do Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e**

Poder. Florianópolis, SC, 2008.

FUKUDA, Claudia Cristina; BRASIL, Kátia T; ALVES, Paola B. Fatores de risco e proteção: considerações sobre gênero. In: LIBÓRIO, R.; KOLLER, S. **Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina.** São Paulo: Moderna, 1999.

MORENO, Montserrat et al. **Conhecimento e Mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento.** São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In SIMSON, O. M. V. **Experimentos com histórias de vida: Itália - Brasil.** São Paulo: Vértice, 1988.

SASTRE, Genoveva. et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal.** São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STACH-HAERTEL, Brigitte. **A constituição das subjetividades legitimadoras das desigualdades de gênero.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Recebido em: maio de 2010.

Aprovado em: agosto de 2010.